

**Diário de Campo Alberto Melo**  
**I Notas de Campo – Entrevistado B – 28/10/2011**

Se estava nervosa na minha primeira entrevista com esta isso surpreendentemente não se passou... Aliás estava mais preocupada em encontrar a casa... e a verdade é que quando estava não muito longe encontrei-me num cruzamento e decidi ir pela direita o que se revelou uma péssima opção... uma senhora indicou-me um caminho que me fez desviar bastante do meu destino. Felizmente depois lá consegui chegar bem a horas!

Esta entrevista foi na casa do entrevistado e no seu pátio com vista para a serra. Nesta entrevista senti-me mais confortável e ia colocando mais questões, tornou-se um diálogo. A primeira impressão que tive foi que o entrevistado não estava à espera que eu lhe perguntasse sobre a sua infância mas penso que no final se tornou uma conversa bem interessante. Mesmo no final, depois de termos desligado o gravador e falado de outras coisas banais, falou mais das brincadeiras enquanto criança. Falou do futebol com caricas. Naquela altura haviam uns rebuçados que os miudos compravam muitas vezes apenas porque traziam fotografias de jogadores da bola (idêntico aos cromos que existem agora)... e depois colavam as fotografias nas caricas. Dizia ainda em tom de brincadeira que também “faziam batota”, enchiam as caricas com uma **substância** que as tornavam mais duras, “a bola também era uma carica, então os jogadores precisavam de ter mais peso”.

Algumas das coisas que falámos já tinha lido e ouvido o sujeito a falar pelo que não me surpreendeu muito o seu discurso. Talvez apenas pelo facto de ser um miúdo que ia para a rua durante as aulas, por ser desafiador e provocador... Gostei foi da maneira descontraída com que a entrevista se desenrolou. Penso que isto se deveu não só à maneira de ser do entrevistado mas ao local que escolheu para a entrevista ser feita. No decorrer desta aconteceram algumas coisas que nos fizeram esquecer que o gravador estava ligado, por exemplo passou um pato bravo e fomos ver para onde se dirigia e ao voltar retomámos a nossa conversa, sempre com o microfone ligado.

Não tenho muito a dizer desta entrevista, talvez isso não seja completamente positivo, pois pode isso significar que não tenha feito tudo correctamente, que as questões possam não ter sido as correctas, ou simplesmente ainda não tenha conseguido que o entrevistado se abra mais um pouco e fale de coisas que o façam sentir desconfortável.

Se voltasse a fazer esta entrevista outra vez não se haveria alguma coisa que lhe perguntasse, ou melhor... Que livro marcou a sua infância? Qual e quando foi o seu primeiro amor?

No final da entrevista ainda ficámos a confraternizar, onde ocorreu a conversa das caricaturas e das brincadeiras, e falámos de outras coisas que não servem para conteúdo de análise mas sim para criar um ambiente de aproximação e confiança. Ah também ainda se falou muito ao de leve do facto de ter feito algo similar com campos de trabalhos internacionais e anos mais tarde ter voltado a esses países como turista.

## II Notas de Campo – Entrevistado B – 21/11/2011

Esta segunda entrevista voltou a ser na casa do entrevistado, desta vez no interior pois o tempo estava nublado. Antes da entrevista conversámos um pouco e também expliquei um pouco o que iríamos falar. Pensei que no início o tempo viesse a ser um constrangimento, visto que o meu entrevistado tinha compromissos por volta das 17H00. Começamos pouco depois das 14H30 e tudo correu muito bem pois estivemos cerca de uma hora e meia a conversar e sem nunca notar o “stress”. Isto mesmo que no início o entrevistado tenha colocado o seu relógio sobre a mesa para saber as horas e não se atrasar. Mas o no final da entrevista ainda bebemos chá e conversámos, pelo que demonstra que o entrevistado estava calmo e sereno.

Esta entrevista trouxe-me algo de novo, reparei que, mais do que a outra, esta foi um diálogo, acho que ambos nos esquecemos que estava ali um gravador e estivemos mesmo a conversar. O meu entrevistado fez-me algumas vezes, no meio do seu discurso, questões como “sabes o que era isso?” o que, penso, demonstrar que está bastante à vontade comigo.

Mesmo com este à vontade continuo com a impressão de que o seu discurso já está um pouco pensado e que algumas coisas ele próprio “constrói” o caminho da história. Normalmente antes de responder às questões está uns segundos em silêncio, mas desta vez houve uma questão que mal acabei de perguntar respondeu. Penso que foi por ser uma questão muito pessoal e de algo que guardou da sua juventude e que o marcou.

Algo que já tinha reparado na primeira entrevista e que voltei a notar nesta é que o entrevistado não se perde, ou seja, mesmo fugindo das questões iniciais pois começa a contar uma história, depois volta sempre à questão. Ele lembra-se sempre o que queria dizer e o que lhe foi perguntado, mesmo que já tivesse passado algum tempo e a conversa tivesse tomado outro rumo.

Um ponto que o senti menos à vontade foi em falar da sua primeira mulher. Não sei se é por ser um assunto mais pessoal e íntimo se é por ser em especial

desta pessoa. Esta é uma questão que quero explorar nas próximas entrevistas, visto que até aqui temos vindo a falar muito da parte escolar e pouco entremos no foro mais íntimo e de relações.

No final da entrevista fui surpreendida, pois o entrevistado foi buscar um livro para me mostrar. Um livro do final do curso onde tinham caricaturas dos professores (acompanhados com textos), dos assistentes e dos alunos que acabaram o curso. Pedi-lhe para na próxima vez tirar fotos porque quero analisar bem a sua caricatura e os poemas que os amigos, a irmã e em especial o pai lhe fez. O pai porque, pelo que li, o poema diz muito sobre ele e algumas coisas que ele não me contou. A caricatura estava muito interessante pois, pelo que retive, mostrava um homem com uma mala de viagem cheia de selos de países diferentes, ainda uma pilha de livros onde o mais pequeno era o de Direito.

Relativamente ao Direito também me surpreende o facto de o entrevistado ao fim de 2 anos ter pensado em desistir e apenas ter feito o curso porque o pai o incentivou. Nunca teria pensado que tinha estado 3 anos a fazer uma coisa que realmente não estava a gostar, por outro lado também nunca exerceu nem enveredou muito pelo caminho do Direito...

Neste momento não sei que questões lhe faria se a entrevista voltasse a decorrer, talvez algo ligado à sua primeira mulher, enquanto namorada.

Nota: Data de nascimento – 30 de Janeiro de 1941 (Questão que surgiu antes do começo da entrevista)

Nota 2: Na entrevista existe uma mulher que ambos não conseguimos dizer o nome, depois da entrevista estávamos a falar já de outra coisa e lembrei-me, e o entrevistado confirmou, Odete Santos.

### **III Notas de Campo – Entrevistado B –09/12/2011**

Esta entrevista voltou a ser na casa do entrevistado e senti-a mais vez como uma conversa entre nós os dois, o que a meu ver não é nada negativo.

A entrevista foi feita em duas partes pois houve a necessidade de parar a meio para o entrevistado se ausentar. As interrupções que existiram tiveram a ver com os seus animais de estimação, mas nada de relevante.

Desta vez senti relutância por parte do entrevistado a falar de certos assuntos. Uma questão que notei ser complicada para o entrevistado falar foi sobre a sua filha mais velha... noto que existe ali algum recalcamento e não sei até que ponto posso aprofundar e nem sei se me interessa esse momento. As suas relações o longo da vida foi também um factor que teve necessidade de explicar... penso que a certo momento teve essa necessidade pois pensou que a ideia com que eu estava a ficar não era a correcta. Algo que não era verdade... mas senti que o explicou por isso, mas voltei a sentir que o campo emocional é algo que não gosta nem quer falar. Por outro lado, gostei da maneira como falou da sua primeira experiência em Africa e como sentiu as coisas e como foi importante para ele essa viagem... o facto de esta lhe ter dado ainda mais certeza que Portugal não tinha o direito de fazer dessas terras “províncias ultramarinas”.

Quanto a mim... hoje senti-me um pouco insegura ao fazer a entrevista, a certa altura a entrevista evoluiu para o ponto onde eu acho que será o começo da minha investigação e penso que isso me assustou. Senti que não sabia o que perguntar. Foi prativamente aí que a entrevista parou. Hoje apercebi-me que não é assim tão “fácil” fazer Histórias de Vida. Penso que o facto de conhecer o entrevistado (os entrevistados) um pouco me ajuda a construir as minhas questões, mas quando existem momentos da vida que desconheço por completo, torna-se muito complicado saber o que perguntar porque nem sei nada sobre esse momento, por vezes nem sei que ele existiu. Por outro lado acho que é isso que faz um bom entrevistador... descobre coisas novas e faz que o entrevistado fale e lhe abre “um livro” desconhecido até então... o problema é que neste momento não sei se tenho essa capacidade.

No final da entrevista, mais uma vez ficámos a conversar e mostrou-me o álbum de fotos do casamento da filha mais nova. Gostei que o tivesse feito e de me ter não só mostrado, mas também ir falando sobre as fotos e “apresentando-me” as pessoas. Esses momentos são a meu ver importantes pois torna-nos mais “chegados”. Disse-me ainda que um dia fez as contas e que nos anos em que esteve fora do país, aproximadamente entre os 22 e os 40, teve mais de 50 moradas diferentes.

Na visita anterior tinha-lhe pedido para consultar da próxima vez, umas revistas. Hoje aconteceu que as consultei e falamos que o entrevistado foi diretor da revista “Saber mais” durante os quatro primeiros números e depois esta passou a ser da ANEFA e aí a diretora foi a Márcia Trigo. Depois foi convidado para integrar e criar uma revista que fosse idêntica a essa. Criou-se a associação “Direito de aprender” para criar a revista “Aprender ao longo da vida”, do qual foi diretor algum tempo.

Para mim hoje esta entrevista foi estranha... por minha causa... por as dúvidas que tenho e por continuar a achar que o entrevistado é uma pessoa por um lado fácil de lidar, mas por outro difícil de descobrir se existe mais para além do que me conta... se o que me diz já está “trabalhado” ou não... por outro lado na dúvida que eu tenho se conseguirei ou não fazer isto...

#### **IV Notas de Campo – Entrevistado B – 24/01/2012**

Hoje vim bastante feliz da entrevista. Não andámos muito em termos temporais, mas foi uma entrevista com cerca de uma hora e meia que foram, a meu ver e antes de analisar, bastante produtivas por entrámos mais na educação de adultos e o entrevistado falou muito desta e do que acha desta... do que deve ser.

O meu maior medo neste momento é não saber o que perguntar porque não sei o que aconteceu na vida do entrevistado, mas hoje durante e mesmo depois da entrevista, este deu-me algumas luzes que me fazem poder pensar na próxima.

Continuo a sentir que é quando falamos da parte da sua vida amorosa, há sempre “um pé atrás” e um comentário junto com uma gargalhada “Também precisas disso?”. Faço sempre questão de lhe dizer que se não quer não falamos disso e hoje disse-lhe que quando acabar a sua história lhe mostro para ele aprovar, ou não.

Gostei de o ouvir falar da sua experiência na Open University em Inglaterra e do quanto tinha gostado. Da questão de aí não se considerar professor nem se sentir como tal. Gostei mesmo do seu olhar a falar sobre essa experiência.

No final da entrevista ainda voltei a ligar o gravador pois começámos a falar de uma parte da vida amorosa do entrevistado, sobre a história da mulher da vida dele... entretanto interrompemos e grande parte já não gravei e fico feliz por não o ter feito porque, mesmo ele já tendo contado essa história para a Televisão, contou-me mas de outra maneira, com outras confissões que eu não pretendo escrever. Não vejo o motivo para o fazer pois não é propriamente esse o meu objectivo e também não penso que mo tenha dito como entrevistada, mas como amiga (?). Disse-me ainda que a primeira vez conheceu a Helene foi em França durante uma das suas viagens através dos convites da OCDE.

Entretanto ainda foi buscar a sua tese da pos-graduação para eu ver e fotografias para eu ver através destas a sua vida... família, a Helen, as filhas, um neto, os pais, a atual mulher, a irmã e amigos. Esta última foi importante porque me “mostrou” as pessoas de quem me vai falando... Vi as fotos do casamento com a Helen, com a

Priscila, ou como ele referiu: o dia em que oficializaram, assinaram os papéis. Vi também fotos de um almoço que foi feito numa aldeia aqui no Algarve. À uns anos organizaram um seminário internacional, sobre desenvolvimento local, e como almoço final em vez de dar dinheiro a um restaurante, propuseram a uma aldeia que com esse dinheiro organizassem um almoço e que toda a aldeia podia participar. O entrevistado disse que ainda hoje à pessoas que não se lembram do seminário, mas sim do almoço. Foi importante, entre outras coisas, pelo facto de haver pessoas que não falavam inglês e pessoas que não falavam português mesmo assim comunicaram. Houve também aldeões que trouxeram guitarras e acordeões e alguns dos conferencistas sabiam tocar o que tornou um momento bom.

Na outra entrevista fiquei com a sensação que havia algo “mal resolvido” em relação à primeira filha... hoje vi que não foi bem, bem assim... tal como o entrevistado disse “não conseguiu ser pai”, não se sentiu pai e não o sabia ser quando a teve, mas pelo que percebi dão-se bem hoje em dia, tanto que ela lhe telefonou enquanto lá estive e vai visitá-lo ainda esta semana.

Não sei se colocaria outras questões se voltasse a fazer a entrevista, mas sei que lhe quero perguntar algumas coisas como: “Quando voltou para Portugal já se ouvia falar de Educação de Adultos?” “Em que moldes?”, “A DGEP, qual foi o seu trabalho lá? O que aprendeu? O que foi mais difícil para si a nível profissional? Que desafios teve?” etc, etc.

## V Notas de Campo – Entrevistado B – 24/02/2012

Esta entrevista também correu bastante bem a meu ver, o entrevistado respondeu a tudo e com respostas longas e claras, mesmo se fugisse do assunto voltava a ele sem que fosse preciso eu o reencaminhar.

Gostaria de ter ido mais além, de ter explorado um pouco mais e a meu ver o entrevistado estaria disposta a isso, mas acontece que me comecei a sentir mal e não avançamos mais do que o planeado. Neste momento tenho o problema de ter falta de informações relativamente ao que se passou na sua vida a seguir, mas também já reparei que é fácil “fazê-lo” falar o que me leva a concluir que não será muito complicado começar a próxima entrevista e aí explorar a sua vida.

Antes de começarmos a entrevista falei com o entrevistado à cerca da confidencialidade e na dificuldade que vai ser conseguir mantê-la, visto ser uma pessoa um pouco conhecida e facilmente as pessoas ligarem a história à sua pessoa. No princípio pareceu-me pouco à vontade com o facto de o seu nome ir aparecer e estive com medo que não concordasse mas primeiro disse-me que a lógica seria que os meus dois entrevistados fossem tratados igualmente, ou seja se aparece o nome de um aparece o de outro, depois acabou por concordar... pois expliquei-lhe que os dois juntos iríamos discutir o que se poderia escrever e mostrar e o que não.

Ainda antes do começo o entrevistado recebeu um telefonema onde alguém lhe fez uma entrevista pelo telefone, pelo que entendi tinha a ver com a sua ideia de educação de adultos, com os centros e com as (possíveis) novas políticas. Falou do problema da motivação e o porquê de fazer o que se faz, que se tem sempre que se pensar o porquê! “Porque é que as pessoas vão procurar competências?” Falou da obrigatoriedade e do quanto isso é mau para a Educação de Adultos, porque isso é contra a educação de adultos, que seria melhor encaminhar esses adultos com baixas qualificações para centros onde se fizesse o levantamento do que gostavam de fazer, etc e depois haver um processo de aconselhamento. E importante também é que os diplomas possam ser uma garantia de um melhor bem estar e uma melhor vida, ou seja, coisas úteis para os adultos. Depois falaram do mundo rural e das ofertas que deveria

haver. O entrevistado disse que no novo mundo rural deveriam existir ofertas para ganhar outros tipos de competências. Não é dizer que as pessoas não têm competências porque as têm, mas é ajudá-las a adquirir novas competências para um novo mundo rural, competências diferentes para se inserirem numa economia e sociedade que é diferente de antes.

Depois disto começamos a entrevista. Não houve nenhuma questão que fosse respondida de forma diferente, apenas algumas coisas que foram ditas e nomes de pessoas que não vão poder ser transpostos para a história de vida. Foram feitas algumas “brincadeiras” mas falando a verdade que depois não podem constar das transcrições. De resto tudo correu bem. Na verdade não sei que havia de ter perguntado mais, apenas gostava de ter andado mais no tempo, mas foi-me impossível.

## VI Notas de Campo – Entrevistado B – 10/04/2012

Hoje foi a última entrevista com o Alberto Melo. Não sabia se ia conseguir fazer tudo hoje visto ter um guião muito grande e a nível temporal também o ser. Foram cerca de 3 horas de entrevista mas que se passou muito bem pois a conversa foi muito interessante. Não tenho muito a dizer porque realmente foi uma conversa que tivemos. No final mostrou-me a compilação dos textos que tem andado a fazer, para depois publicar. Fiquei com alguns que me interessavam. A iniciativa foi dele, tal como as anteriores, nas outras entrevistas quase sempre me foi mostrar alguma coisa, quer fotos, documentos, o trabalho da pós graduação, o livro final de curso... o que demonstra que estava interessado em materializar algumas coisas que me iam dizendo.

Combinamos que mais tarde nos encontraríamos para discutir o produto final do trabalho.

Senti que esta última parte da sua vida não foi tão interessante a nível profissional para o entrevistado e que realmente gostou bastante do trabalho na Radial e depois na In Loco, por ter trabalhado directamente com as pessoas. O que me agradou bastante porque me mostrou o lado mais prático de uma pessoa que pensava mais teórica. No final destas seis entrevistas penso ter descoberto que esta pessoa que eu pensava mais ... é afinal uma pessoa bastante simples e modesta. Continua a ser para mim uma grande referência e tem toda a sua postura intelectual, mas com este tempo passado em conjunto mostrou-me uma pessoa tão acessível, simples.... Nunca o senti reticente a falar de nada, excepto talvez quando se fala de um campo mais pessoal, mas mesmo assim hoje achei-o natural.

Gostei de ter-se auto intitulado de “arquitecto” e não construtor civil. E de gostar de ter uma marca sua naquilo que foi fazendo.